

Os sertanejos que eu conheci

Arnaldo Salustiano*

Submissão: 17/04/2014

Aceite: 19/5/2014

AUDRIM, Frei José M.. *Os Sertanejos que eu conheci*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

O texto de Frei José M. Audrin foi selecionado por Afonso Arinos de Melo Franco para publicação em 1963, na Coleção Documentos Brasileiros e foi prefaciado por Alceu Amoroso Lima onde diz que o texto de Audrin “transpira verdade em cada linha”.

O autor nos informa que em 1897 um grupo de Freis Dominicanos franceses liderados pelo Frei Gil Vilanova funda na margem oeste do rio Araguaia, entre estados do Pará e Goiás (hoje Tocantins), a cidade de Conceição do Araguaia. Em 1904, Frei Audrim vem, também da França, com apenas 23 anos, compor a Missão instalada na nova cidade, se é que se poderia chamar de cidade o aglomerado, em torno da missão, de casebres e arruados povoado como em toda região, por homens muito simples, vindos de toda parte: de Goiás, Bahia, Piauí, Maranhão, Ceará e Pará, atraídos pelo trabalho na extração da borracha, da castanha, criação de gado e algum garimpo, e índios, muitos índios, que desde o início motivou a penetração da Missão. Com certeza os sertanejos que Frei Audrim conheceu na região de Conceição do Araguaia, não tem a mesma historicidade do caipira tal qual tratamos¹, a Missão foi instalada em uma região de transição entre o cerrado e a floresta amazônica, que tem forte influencia nordestina e a qualquer momento, são citados hábitos e habilidades de mulheres rendeiras e vaqueiros trajados em gibões, peitorais e perneiras de couro, entre outros personagens da caatinga, tipicamente sertanejos nordestinos, conforme nos descreve Ribeiro (2006).

Apesar disso, pelo menos três motivos nos levam à leitura, análise e uso do texto de Frei Audrim em nosso trabalho. O primeiro deles é o fato de tratar-se de um depoimento de

* Mestrando do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da UEG.

¹ Em nosso projeto de dissertação, no Programa de pós graduação Teccer/UnUCSEH-UEG, trabalhamos este sertanejo, que preferimos chamar de caipira, sob a ótica de autores como Darcy Ribeiro, Antonio Candido e Carlos Rodrigues Brandão, que acreditam em um tipo humano/cultural distinto, habitante da região da Paulistânia (composta pelos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e partes dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Paraná)

quem conviveu na intimidade com este povo por trinta e quatro anos, de 1904 a 1938. De 21 a 29 dirigiu o Convento Dominicano de Porto Nacional. Além do privilégio de ouvir confidências na condição de padre, visitava uma grande região em longas viagens de desobriga religiosa, ocasião em que eram realizados casamentos, batizados e confissões, apoiava e participava das festas populares, apadrinhou diversas crianças e ganhou muitos compadres, companheiros de caçadas e pescarias. Como o próprio autor deixa claro, não é uma descrição de quem viu o sertanejo de passagem, como os viajantes europeus do século passado, ou os recentes sertanistas, ou ainda a opinião de um morador das metrópoles do sul que de lá, observam o sertão e seus povos. Audrin conhece “seu” povo e os descreve em detalhes surpreendentes.

O segundo motivo para nos deter no texto de Audrin são os detalhes descritos sobre alimentação, o trabalho na lavoura, o vestuário, caçadas, pescarias, religião, superstições, família, relações sociais, etc. pois que remetem ao caipira da paulistânia descrito por Lobato, Pires, Silveira, Amaral, Brandão, Candido, ... e mais especificamente para efeito de contribuição ao nosso trabalho: é o mesmo caipira descrito por Ortêncio, Bernardes, Elis, ... e acima de tudo, é muito do caipira contemporâneo que conhecemos. O relato de Audrin, enriquece, complementa as obras destes autores, facilitando o entendimento de todos estes caipiras localizados em lugares e tempos diferentes.

Audrin não se ocupa de simples encômio de seus sertanejos, longe disso, nos mostra a existência e conta casos que presenciou de sertanejos preguiçosos, violentos, velhacos, sovinas, relapsos, doentes, maltrapilhos, famintos, alcoólatras, etc., mas a todo momento quer deixar claro que se tratam de exceções, que quando ocorrem são motivo de repúdio para a comunidade.

O terceiro motivo que nos leva a considerar o texto de Audrin é justamente a veemente oposição que faz às descrições negativas que fazem do sertanejo. Parece-nos que o incomoda muito as opiniões de Monteiro Lobato:

Que ninguém, pois, os tenha (os sertanejos) como “jeca tatus” do autor de Urupês, nem os trate de párias, dignos somente de compaixão, senão de desprezo! Aceitam corajosos a luta pela vida, não como condenados a miserável destino.

Não os acusemos, portanto, como ousaram fazer alguns patrícios, de serem opróbrio para a Nação, prejuízo para a nossa fama, atraso para a nossa marcha. Cuidemos, sim de ajudá-los, acudindo as suas necessidades, aproveitando suas qualidades e aptidões.” Audrin, 1963. p.9.

Dirige-se diretamente à Lobato e contradiz a definição do Jeca Tatú várias vezes, a maioria ao final de capítulos que descrevem as qualidades do sertanejo. Como a seguir:

Ao relatar os esforços dos sertanejos agrícolas quisemos mostrar que não se deve acreditar na inércia e na incurável preguiça que alguns escritores ousaram atribuir-lhes. O conhecido autor do Jeca Tatu chegou a afirmar, referindo-se ao sertão: “Lá nem flores, nem frutas, nem legumes...”! Podemos responder-lhe que esta afirmação é inteiramente infundada, e outras não menos depreciativas, constituem até uma ofensa aos nossos brasileiros do interior. (p.52)

Bastam estas informações verídicas para provar quanto é inexata e injusta a ideia que muitos civilizados fazem dos sertanejos, considerando-os como uma raça inferior do ponto de vista intelectual. (p.117)

...Não são necessariamente as “jecas-tatus” que se resignam a viver cobertos de qualquer tapete e desprezam todo decoro exterior. Alguns viajantes, observadores pouco escrupulosos, ousaram afirma-lo. A verdade, porém é diferente. (p.72)

Audrin critica viajantes, sertanistas e autores como Lobato, e os tem como colaboradores da construção de uma representação negativa e equivocada do sertanejo. Suaviza a participação dos viajantes europeus do século XIX que “abriram mão de todo conforto para se atirar por meses e até anos sertão adentro” e puderam

observar com método, perguntar, anotar, corrigir, e catalogar. [...] souberam evitar o perigo de concluir sob o impulso de primeiras impressões e de basear-se em simples probabilidades, indagações apressadas, ou respostas ambíguas e talvez malévolas. Idem p. 07

O que nos leva a imaginar que talvez não tenha lido o conterrâneo Saint Hilaire que também pintou um quadro pouco abonador do caipira, ou tenha aqui omitido uma crítica. Reserva estas, para os sertanistas brasileiros, que, na sua opinião, somente souberam ver em seus rudes patrícios “atrasos e misérias, chegando mesmo a ridicularizar tradições dignas, pelo menos, de respeito”, deixando para a posteridade farta “literatura turística, pejada de erros, preconceitos, críticas injustas, calúnias, caçoadas de mau gosto e pilhérias inconvenientes”(p. 8).

Aponta exceções como Rondon e Couto Magalhães mas não aponta os nomes destes sertanistas. E sobre um relatório oficial de um destes, que dizia que “o Sertão é sepultura viva [...] Os sertões são pedaços do purgatório [...] Nessas regiões se desdobra um quadro infernal, que só poderia ser magistralmente descrito por Dante imortal [...]” (p.86), diz que “são afirmações perniciosas, porque enganam a opinião pública, e informam muito mal as nações vizinhas” (idem).

Audrim não fecha os olhos às mazelas do sertão, mas busca analisá-las e contextualiza-las. Como quando fala do modo primitivo de plantio pela coivara², que levou Lobato a escrever o conto “Velha Praga” em que classifica o caipira de “funesto parasita”, “piolho da terra”, destruidor da natureza, etc., Audrin reconhece o estrago que tal prática provoca e os lamenta, mas pede que desculpemos o sertanejo pois não possuem tecnologias alternativas nem meios mecânicos para resolver suas necessidades de corte, destoca, aragem da terra e ainda

...onde poderiam, naqueles ermos, adquirir adubos químicos, para revigorar as terras depois das colheitas anuais? (...) a impossibilidade de obter rolos de arame farpado para cercar as roças. (...) Devíamos apresentar essas observações aos leitores para ajudá-los a compreender a dura obrigação que tem o lavrador do interior de procurar e devastar novos terrenos, para neles recomençar, anualmente, a mesma dura, e necessária peleja. (p. 45)

Ao invés de simplesmente relacionar os erros e defeitos dos sertanejos Audrim, contextualiza as situações e faz até comparações entre os pobres do sertão e das cidades.

Os sertões que aqui descrevemos, não merecem ser apelidados de inferno ou purgatório, porque os seus habitantes, que por longos anos conhecemos, sabem encontrar e conservar o segredo de uma vida digna de ser invejada por muitos famintos e maltrapilhos das grandes aglomerações urbanas. (p. 86)
Devemos observar, também, que muitos fatos a serem aqui relatados (sobre superstições) não pertencem exclusivamente ao sertão, chamado injustamente por certos escritores, o país da ignorância e da tolice. Verificam-se idênticas asneiras nos centros mais adiantados, superstições de todas as formas grassam nas maiores cidades. [...] basta percorrer nas colunas da imprensa as séries de anúncios de quiromantes, cartomantes e outros charlatães. (p.135)

Segue analisando o modo de vida dos sertanejos e diz que se há má instrução, problemas de saúde, pobreza e atraso, muito se deve ao descaso dos governos:

Quando chegará para eles, ao menos para seus filhos, a hora de participarem dessas vantagens (proporcionadas pela modernização)? A resposta pertence aos governos, encarregados por missão patriótica, de procurar a felicidade de seus administrados. Somente cumprirão este dever quando se lembrarem de que os lutadores do sertão são brasileiros também, dignos, portanto, de serem auxiliados em suas misérias, atendidos em seus apelos, ajudados em seus esforços. (p.102)

É realmente penoso ouvi-los dizer que, do Brasil representado aos seus olhos pelos agentes do Governo, recebem sobretudo diversas imposições. Estranham, com razão, tantos desleixos e injustiças de que são vítimas. (p.172)

² Nota do autor: A coivara é um modo de plantio tradicional, herdado dos índios, onde um trecho de floresta é derrubado e queimado, para a realização de uma roça que ao final de aproximadamente dois anos não terá mais produtividade, criando a necessidade de que outro trecho de mata seja derrubado. Nota do autor.

Segundo o autor, é dessa percepção, a de que nas relações com os representantes do poder público, o sertanejo é sempre o prejudicado, que nasce o descaso aos deveres cívicos, tais como os deveres eleitoral, de alistamento militar, pagamento de impostos, participação em júris e o casamento civil.

Contrariando a aclamada impassibilidade do caipira, Audrim diz que “o mesmo homem afetuoso, manso e caridoso pode transformar-se, de um dia para o outro, em jagunço violento e sem piedade”(p.193), envolvido em lutas armadas motivadas por disputas de terras, lutas políticas ou lutas morais. Reproduz situações que viveu na região, algumas bastante tensas e de perigo iminente, frente a jagunços ex-paroquianos. Fala de tipos diferentes de jagunços, “em defesa da justiça, ou a serviço da maldade” (p.201). Exemplo de luta “justa” foi à que convocou todos os moradores de Conceição do Araguaia e região para a defesa da cidade invadida em 1910 por um bando de jagunços. Após dois dias de luta, roceiros, barqueiros e vaqueiros de armas em punho cercaram o grupo invasor que caiu “vítima da justa indignação popular. Que teria sido da cidade, e daquela região, se não tivéssemos podido opor aos miseráveis bandoleiros [...] Talvez um novo Canudos teria ensanguentado por muito tempo o nosso sertão”. (p.201)

Já no primeiro capítulo, sobre as caçadas dos sertanejos, Audrim afirma que contrário às predições de Couto Magalhães onde dizia que o sertão era uma realidade em vias de desaparecer, “a fauna dos nossos sertões, longe de esgotar-se, mantém-se riquíssima, à espera de caçadores que sonham com proezas cinegéticas”(p. 30), em sua conclusão diz mais: cinquenta anos depois, na segunda década do século XX, quase tudo continuava do mesmo jeito que Couto viu. Mas reconhece que “o sertão que conhecemos deixou de ser estacionário, atingido que foi pela lei inexorável da evolução” (p.202). Era aproximadamente 1951 quando escreve que

Notícias que a cada passo, de lá nos chegam, obrigam-nos a acreditar no desaparecimento progressivo e necessário de um sem-número de realidades pitorescas que, outrora, nos encantaram e que as novas gerações, não mais poderão admirar. (idem)

Fala da “onda irresistível de progresso material e social” que atingiu o sertão pelas estradas em caminhões, pelos rios em barcos possantes, e até pelo ar, nos aviões. E que as pessoas que “pareciam destinadas a labutar toda a vida nas humildes tarefas de roças e vaqueiragem” (pg. 203) conseguem estabelecer-se em atividades comerciais, no

funcionalismo público e militares, transformando as pessoas. De fato, Audrim parece crer no fim de toda uma cultura:

Assim pouco a pouco, mudam-se costumes, mentalidade e modos de vidas sertanejos. Esvai-se o que poderíamos chamar o perfume encantador da simplicidade setaneja. Muitas tradições seculares caem no esquecimento. (p.203)

No entanto fala da possibilidade, devido a grande extensão das terras, de grupos sertanejos preservarem a sua cultura pelo isolamento. Não parece crer na convivência da cultura tradicional com a modernização.

Afirma, no entanto que em compensação à saudade do passado, permanecerá inalterada a natureza nos sertões: “tudo quanto neles admiraram os nossos antepassados, pode-se contemplar ainda hoje (1951), e as futuras gerações, por sua vez, hão de experimentar o mesmo entusiasmo” (idem) – “O que há de resistir eternamente é a Natureza com os seus deslumbrantes panoramas, a extraordinária riqueza da flora e da fauna tropicais” (p.204), chega a convidar os muitos “bandeirantes modernos”, os “que gostam de aventuras e descobertas, aos intrépidos caçadores e pescadores” que penetrem nossos sertões munidos “não somente com armas, munições e apetrechos diversos, mas também cheios de coragem e alegre tenacidade” (idem)...

Parece-nos que passados pouco mais de sessenta anos da fala de Audrim, que a fala de Couto Magalhães (as futuras gerações pouco ou nada encontrariam das belezas naturais por ele admiradas) parece mais acertada. No momento em que escrevo estas linhas ouço no rádio a notícia de que abre-se uma nova fronteira agrícola no sul do Pará, o que é equivalente a devastação da vegetação nativa em prol da instalação da agroindústria de monocultura, e vem ratificar, lamentavelmente, o predito por Couto.

Por outro lado ocorre-nos que Audrim possa ter errado também em não acreditar no poder de permanência e adaptação da cultura sertaneja à aproximação da onda modernizadora dos sertões. Muitas práticas por ele descritas ainda estão presentes na atualidade, seja na rotina dos pobres que continuam existindo e não tem acesso a todo universo da vida moderna, seja transformadas em produtos culturais ou turísticos ou inseridas num contexto de Folkmídia. Melhor do que nada.

Talvez hoje, a natureza na região corra mais riscos que a cultura sertaneja e caipira, talvez se tivesse possibilidade, Audrim alterasse as conclusões de seu livro. As últimas quatro

páginas das 205 totais. De resto, é verdadeiramente um importante documento, indispensável para todos que se aventurarem no estudo sobre a cultura caipira.

